

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-LUC GODARD, PARA SEMPRE
10 e 28 de janeiro de 2023

LA CHINOISE / 1967

um filme de Jean-Luc Godard

Argumento: Jean-Luc Godard / **Fotografia:** Raoul Coutard / **Montagem:** Agnes Guillemot / **Som:** René Levert / **Interpretação:** Anne Wiazemsky (Veronique), Jean-Pierre Léaud (Guillaume), Michel Semeniako (Henri), Juliet Berto (Yvonne), Lex de Bruijn (Kirilov), Omar Diop (Omar), Francis Jeanson (Francis), Blandine Jeanson (Blandine).

Produção: Anouchka Films, Produções da Guéville, Athos, Films, Parc Films, Simar Films / **Cópia:** dcp, cor, versão original com legendas electrónicas em português, 97 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

- Écoute... à partir du moment où on tue des étudiants, des professeurs, ils auront au moins la trouille, ils viendront plus et donc les universités seront fermés.

- Mais dis-moi, tu fais ça toute seule?

- Oui, enfin, on est... on est deux ou trois.

Para não contrariar as histórias já feitas, e quanto mais não seja porque participamos inevitavelmente delas, convirá dizer que **La Chinoise** introduz de forma clara um objecto que, a partir daí, a obra de Godard, pelo menos até 1972 com **Tout Va Bien**, exhibiria de forma evidente: a Política. Estava-se em 1967 e, algures em Paris, um grupo de jovens maoístas, ou marxistas ou leninistas ou as três coisas ao mesmo tempo, dissertava sobre a revolução e os seus acidentes. A ironia impõe-se, na verdade, se a nossa pretensão é erguer uma bandeira por Godard ter descoberto a "política". **Le Petit Soldat** e **Made in USA**, a outro nível **Les Carabiniers** e **Alphaville**, bastariam para observar serenamente que nunca a instância política foi estranha ao seu trabalho. E isto não só porque ela surgisse nomeada ou efabulada nos seus filmes - se o político é o lugar de cristalização e exercício dos poderes, será uma verdade cândida, porventura necessária, lembrar que Godard sempre foi um cineasta eminentemente político.

Se algo muda em **La Chinoise**, não é tanto Godard ou o seu cinema como a realidade circundante que o convoca. Sem insistir demasiado no facto de **La Chinoise** não ser, efectivamente, um filme susceptível de ser incluído na chamada fase militante (foi filmado e estreado em 1967, antes de **Week-End**), talvez valha a pena acentuar o que nele persiste como método ensaiado em trabalhos anteriores. Do mesmo modo que **Masculin Féminin** era um prolongamento de **Bande à Part** sujeito aos efeitos desencontrados dos valores da sociedade de consumo, **La Chinoise** pode ser tomado como um novo **Masculin Féminin** em que os personagens dos jovens - os aí chamados filhos de Marx e da Coca-Cola - encontram uma nova figura paterna: Mao de nome, chinês de origem. Como ficou ditou: **La Chinoise** ou *plutôt à la chinoise*.

A percepção admirável de Godard não consiste, como muitas vezes se tem dito e continua a dizer, em fundir o seu discurso com o ou os discursos que, em determinado momento,

surgem na crista da história. Trata-se antes, para ele, de dispor os seus dispositivos cinematográficos como receptáculos do tempo em que são fabricados. Neste sentido, a actualidade não chega a ser um tema em Godard: é algo que já fala quando ele, filmando, encena a sua fala. Ora, **La Chinoise**, justamente, é um filme em que a imensa agitação de discursos políticos (que foi também uma agitação política de discursos) de Maio de 68 e do seu futuro imediato se diz já como facto instalado no quotidiano daqueles personagens.

(Vale a pena abrir um parêntesis para dizer que dizer aqueles personagens não é questão secundária em Godard. Seja qual for o seu estatuto no interior da ficção que os inventa, os personagens de Godard tendem sempre a exibir uma irreducibilidade que não permite esgotá-los em nenhum símbolo exterior a sua própria inserção em filme. Mesmo a abstracção para que tendia Pierrot não era sempre lida como produto da sua articulação real com um cinema muito concreto?).

Tem por isso um duplo e fundamental sentido o cartão que abre o filme:

UN FILM EN TRAIN DE SE FAIRE

Nele se dizem duas coisas inseparáveis: que o filme aceita fazer-se numa vacilação que depende sempre das decisões decorrentes da sua própria fabricação; que, para além dele e, sem dúvida, depois dele, algo continuará a fazer-se independentemente do que nele se fizer e acontecer. Saltando para o final, essa moral da relatividade absoluta do cinema surge explicitada e consagrada:

FIN D'UN DÉBUT

Que tudo isto não esgote **La Chinoise** num mero efeito sintomático da França-de-1967, eis o que ainda hoje se revê com especial encanto. É, na verdade, algo de surpreendente que Godard consiga fazer de um tema que tão facilmente poderia desembocar na facilidade propagandística (ou anti-propagandística, tanto faz), um verdadeiro itinerário poético de uma nova vacilação do corpo da História. Talvez por isso, **La Chinoise** é um dos mais divertidos filmes da sua filmografia, num sentido que, ao contrário do que um pensamento maldoso poderia pretender, não tem nada a ver com intuítos pejorativos.

A pouco e pouco, o que vai emergindo destas cenas domésticas do maoísmo familiar é a imensa inadequação entre cada sujeito e o discurso que sustenta. Neste sentido: em vez de o discurso político surgir como material de apropriação do mundo, vemos cada corpo instalado no artifício calculado de um discurso que o coloca num vai-vem permanente com os dados desse mundo. Daí também a subtil dimensão burlesca de tudo isto. No mais puro dos sentidos: se no cinema primitivo o burlesco era o produto da colisão de um corpo bruto, sem metafísica nem psicologia, com a diferença impossível de integrar de outro corpo (Keaton), aqui o burlesco decorre do confronto de cada corpo com a estranheza imensa desse material aparentemente definitivo que é a palavra. Veja-se o saboroso diálogo de Véronique e Jeanson no comboio (o movimento físico dos personagens e da câmara, participantes do movimento do comboio, é mais do que um elemento dramático - e uma metáfora viva), ou ainda a persistência com que Guillaume conduz até final a sua anti-inventariação dos nomes escritos no quadro negro. Uma vez mais, portanto, é a mesma ternura cruel que triunfa: era a história que passava agora pelo vermelho dos livros conhecidos como tal. No filme seguinte (**Week-End**), o vermelho transformar-se-ia em sangue e nos que estavam para vir em muitas outras coisas.